

MULHER BRASILEIRA E FUTEBOL: UM CHOQUE DE SIGNOS

Leila Salvini¹

Resumo: Tanto a figura do homem quanto a da mulher, sempre estiveram atrelados a signos e normas de conduta – como a virilidade e a força física em detrimento a delicadeza e a submissão –, que fomentam a distinção entre os sexos. Elementos biologicistas, fundamentaram leis andróginas que determinam e organizam a vida em sociedade, de forma tão profunda que atualmente convivemos com resquícios de tal padronização. Considerando o processo histórico de significação e legitimação do corpo feminino nos espaços sociais e os meios de comunicação como disseminadores e formadores de opinião, realizamos alguns apontamentos sobre a mulher jogadora de futebol.

Palavras chave: mulher, futebol, meios de comunicação, signos.

Resumen: Tanto la figura del hombre cuanto de la mujer, siempre estuvieron ligadas a las señales y normas de conducta - como la virilidad y la fuerza física en vez de la delicadeza y la obediencia - que promueve diferencias entre los sexos. Elementos de naturaleza biológica fundamentaron leyes andróginas, y todavía, hoy determinan y organizan la vida en sociedad. Teniendo en cuenta el proceso histórico de significación y legitimidad del cuerpo femenino en los espacios sociales y los medios de comunicación como formadores de la opinión, hicimos algunas marcaciones tratando de la mujer, jugadora del fútbol.

Palabras claves: mujer, fútbol, medios de comunicación, señales.

Abstract: Both the figure of the man and the woman's, were always linked to signs and standards of conduct – as the virility and the physical strength in delicacy and submission's detriment –, that foment the distinction between the sexes. Biologist elements, substantiated androgynous laws that determine and organize the social life, in such a deep way that nowadays we live together with remnants of this standardization. Considering the historical process of the female's body signification and legitimation in social spaces and the media as an opinion former and disseminator, we performed some notes about the soccer player woman.

Key words: woman, soccer, media, signs.

¹ Mestranda em Educação Física na linha de pesquisa História e Sociologia do Esporte, pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS), Sob a orientação do Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

Introdução

Partindo do pressuposto de que os corpos se legitimam de acordo com seu sexo, e dessa maneira as atividades – no presente caso, as esportivas – se enquadram ao perfil esperado do que é historicamente construído para o masculino e o feminino. Frente ao reconhecimento do que é autêntico e desejável, figuram alguns signos, que incentivam e ilustram o papel que cada gênero deve assumir na sociedade. Dessa maneira, o presente artigo propõe visualizar através dos signos (condutas) essencialmente femininos, o engendramento da notícia, e um possível reforço midiático a tais determinações, fazendo um *link* com a mulher esportista, mais especificamente, a jogadora de futebol.

Na conotação de Baudrillard (1995) o objeto-sígnio é um instrumento para manter e concretizar relações de consumo e de diferenciação social advinentes. O autor salienta que não se consome o objeto em si, pela sua utilidade, e sim pelo que ele representa, pela sua capacidade de diferenciar, de remeter o consumidor a uma determinada posição, a determinado *status* frente aos pares na sociedade. Bourdieu (1992) sinaliza que dentre todos os objetos de consumo e conduta possíveis de abrigar uma função expressiva, as roupas e os enfeites, juntamente com a linguagem e a cultura, melhor realizam a função de sociação e dissociação.

Ao pensar economicamente atividades nobres – não destinadas às mulheres – nos remetemos a Veblen (1983) e a Classe Ociosa de fins do século XIX, na qual, a exacerbação conspícua se dava a partir do tempo livre, da prática de determinados esportes, e principalmente da honraria que lhes era concebida frente essas rotinas. Em sua obra, o autor menciona o papel da mulher como subalterno, minimizado aos afazeres domésticos, desprovidos de qualidades que nobilitam seu papel naquele contexto, bem como, a ostentação da mulher como objeto conspícuo, e exclusivo dos homens. Assim, o esporte aparece nesse momento como signo de *status* e exclusividade masculina. Pois, esportes de contato, exigem de seus executantes virilidade, força física, exposição do corpo, suor, e principalmente a honra que lhes é conferida ao final de cada combate. Caracteres que vão de encontro às prerrogativas femininas de um Brasil em plena efervescência de meados do século XX.

À mulher, conferiam cuidados com o lar, com a família, com a procriação de filhos fortes e saudáveis a fim de contribuir com a regeneração da pátria que se remonta nesse momento histórico. Cuidados com a saúde eram atrelados à beleza, pois a feiúra era diagnosticada como doença e assim, deveria ser tratada. As preocupações com o corpo se davam no sentido de que esse se mantivesse esbelto, com as formas afeminadas, delicadas. Para tanto, somente esportes que reforçassem tais atributos eram indicados (GOELNNER, 2003). Nesse mesmo período, com base em Franzini (2005), visualizamos que o futebol ao chegar ao Brasil, atingiu primordialmente as camadas mais abastadas da população, sendo uma prática elitista, programa familiar, no qual as mulheres eram responsáveis pelo agraciamento do local. Com o crescimento industrial e das cidades e dos usos eugênicos e civilizadores do esporte, o futebol se popularizou, e juntamente a tal fato, houve mudança no público e nos praticantes. Em contrapartida, as funções estabelecidas a cada gênero nessa estrutura, permaneceram as mesmas.

Frente a tais descrições, Bourdieu (2007) ressalva que as mulheres, excluídas do universo das coisas sérias, dentre eles a economia e a política (inserimos o esporte de contato, como demonstração de honra, de disputa, de soberania masculina), ficaram por muito tempo limitadas as funções domésticas e de reprodução. Para o autor, em detrimento a isso, que atualmente grande parte do trabalho doméstico cabe as mulheres, bem como a manutenção de relações sociais.

Visualizando o esporte como um fenômeno social, é possível retratar na prática esportiva a atuação de diferentes segmentos da sociedade. Sejam as mulheres que brandamente se adentram a espaços historicamente masculinos, ou pela tímida prática de esportes elitistas por camadas menos abastadas. O acesso a esses “redutos” é um reflexo do momento cultural e social a qual vivenciamos atualmente, entretanto, mesmo frente a possibilidade de incursões nesses locais, alguns elementos permanecem arraigados as estruturas sociais. Atributos do que é ser feminino ou masculino estão estampados no imaginário social, legitimando as práticas corporais e esportivas, tal qual o consumo de objetos-signos que evidenciem essas características. “Todos são iguais perante os objetos enquanto valor de uso, mas não diante dos objetos enquanto signos e diferenças, que se encontram profundamente hierarquizadas” (BAUDRILLARD, 1995. p. 91).

Em consonância com a citação acima, trazemos a tona o futebol feminino no Brasil, que tem sua trajetória conturbada, e marcada pela masculinidade simbólica atrelada a modalidade. Por alguns anos as mulheres foram proibidas por decreto² de praticarem esportes de contato, dentre eles o futebol. Atualmente no Brasil, ocorrem campeonatos regionais, estaduais e brasileiros. Com calendários pré definidos e regras similares as masculinas. Porém, uma nova regra ocorreu no campeonato paulista, reeditado como apontam Knijnik e Vasconcelos (2003), de *paulistana*. Os autores relatam ainda, que as atletas que deveriam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF (Federação Paulista de Futebol) prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o “futebol á feminilidade”. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas – a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré-condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral (p. 4).

A imagem feminina sempre esteve intimamente ligada à beleza, ao cuidado com o corpo, e nessa conjectura, os meios de comunicação - como disseminadores de idéias e opiniões - reforçam tais atributos, através de programas, propagandas publicitárias, encorajando práticas que visam tais características, e desencorajando condutas que venham a dissimular tais práticas. Mesmo ocupando espaços historicamente tidos como masculinos, as mulheres precisam estar munidas de feminilidade, para que não promovam mal entendidos preconceituosos quanto a sua posição sexual. Embasandonos pelos apontamentos até então ilustrados, lançamos uma inquietação, a beleza precisa estar atrelada a jogadora de futebol pra que ela se legitime em campo?

Os meios de comunicação como reforço do uso legítimo do corpo feminino

Alicerçando-nos na teoria de Pierre Bourdieu, apontaremos alguns elementos de dominação pautados em leis andróginas, que visam legitimar o corpo feminino e suas condutas. Para tanto, o autor salienta que a divisão entre os sexos parece estar de modo natural, na ordem das coisas, e “presente em todo o mundo social em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas e esquemas de percepção, de pensamento e ação” (BOURDIEU, 2007. p. 17).

Nesse contexto, para Bourdieu (2007), o paradoxo não está nas diferenças visíveis do corpo feminino ou masculino que se dá partindo de uma visão androcêntrica,

² O decreto de 1941 foi revogado na década de 80.

e sim na instituição de características biológicas como sendo duas essências sociais hierarquizadas, que se legitimam e naturalizam frente aos dominados (mulheres). Ou seja, as diferenças biológicas se posicionam de modo a fundamentar as diferenças sociais, e elementos que figuram a distinção do ser masculino do ser feminino são enaltecidos e as semelhanças, obscurecidas. Evidenciamos aqui o uso social do corpo como forma de distinção entre sexos e a padronização das condutas, bem como a utilização de objetos-signos a fim de retratar o que é aceito e desejável. À mulher, representada pela delicadeza do seu corpo e gestos e pela submissão de seus atos, não é conferida a prática de esportes que pudessem vir de encontro a esses atributos, enquanto, a validação da masculinidade em muitos momentos, é proporcionada pelo esporte – em especial esportes de contato – onde elementos de virilidade possam vir à tona. Alguns estudos sobre gênero, evidenciam o masculino como ausência de características femininas, dentre eles, Cavaleiro e Viana (2010), partindo da empiria do esporte na escola, apontam que “um homem é tudo aquilo que uma mulher não é” (p.147). Scott (1995) frisa na primeira parte de seu conceito sobre gênero, que – o mesmo – está intimamente ligado ao poder, no sentido histórico, desse modo, “sob o ponto de vista que liga a sexualidade ao poder, a pior humilhação para um homem, consiste em ser transformado em mulher” (Bourdieu, 2007, p. 32).

Destarte, as leis sociais e de reprodução, pautadas em elementos biológicos/sociais de dominação masculina³, em que coloca a mulher em permanente estado de insegurança com seu próprio corpo, ou seja, em constante necessidade de existir primeiramente pelo e para o olhar do outro, confronta a idéia de exibição desse corpo como forma de liberação, pois como já mencionado, esse corpo está, mesmo frente a “libertações”, sujeito a aprovações masculinas, a ser enquadrado em pontos de vista sexistas e historicamente construídos. Ilustrando o corpo feminino como signo de “liberação”⁴, Baudrillard (1995) enfatiza que o mais belo objeto de consumo, é o corpo, e que a maneira de organização da relação com corpo se reflete na maneira de organização da relação às coisas e das relações sociais.

Partindo do pressuposto histórico de características natas femininas – beleza, maternalidade e feminilidade⁵ – juntamente a desmistificação do corpo feminino sob a ótica da dominação masculina, Baudrillard (1995), evoca que a beleza e o sucesso recebem idêntico “fundamento místico” (p.140). A beleza do corpo feminino é exaltada a partir do seu interior exteriorizado seu corpo e seus gestos, e o sucesso masculino nos negócios agregado as virtualidades do mercado. Nessa conjectura, inúmeros são os meios de comunicação que organizam informações de modo a atender os anseios femininos, bem como, veiculam sua imagem atrelada a cuidados corporais e comportamentais, vendem-se sonhos, imagens e prazeres⁶, atuando como fomentadores de uma mulher feminina acima de tudo.

Ao tratar do poder dos meios de comunicação, Bourdieu (1997) evoca a televisão, que para a nossa realidade é a fonte primeira de acesso às informações, ressaltando que engendramentos grosseiros de censura, frente aos assuntos escolhidos para veiculação, fazem da televisão “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” (p.20). Como já mencionado, as mulheres durante muito tempo foram

³ Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim, ser vistas como naturais. (BOURDIEU, 2007. p.46).

⁴ No sentido de “liberdade vigiada” da mulher, frente a veiculação da imagem do próprio corpo, que mesmo nos dias atuais continua de forma bastante evidente, subordinado ao ponto de vista masculino.

⁵ Classificação desenvolvida por Goellner (2003).

⁶ Classificação retirada de Featherstone (1995).

excluídas de assuntos sérios, que envolvessem honrarias e méritos, e desenvolveram preocupações de cuidado com sua imagem corporal. Herança de sociedades menos diferenciadas, nas quais as mulheres eram tratadas como meios de troca, permitindo aos homens acumular capital social e simbólico, e nos dias atuais, a reprodução do capital simbólico do grupo doméstico, se expressa por sua aparência – maquiagens, trajes, porte. (Bourdieu, 2007).

Durante séculos esforços foram feitos no sentido de se fazer crer que as pessoas eram isentas de corpo, entretanto, “teima-se” hoje, em estimular e convencê-las de que o próprio corpo é central em sua existência. Goldenberg (2002) prossegue apresentando que no processo de responsabilização do agente pelo próprio corpo, nesse “princípio de autoconstrução, a mídia e, especialmente a publicidade tem papel fundamental” (p. 32). O agendamento das informações em programas de variedades – nos quais preocupações e soluções para o cuidado corporal são apresentados – tem função, de acordo com Bourdieu (1997), de encher o tempo raro na televisão, com o vazio, com nada ou quase nada. Desse modo, afastam-se as informações pertinentes ao cidadão para exercer seus direitos democráticos. Outro elemento de dominação oculta dos meios de comunicação em especial aos televisionados, destacado pelo autor, são as idéias rápidas, a urgência, o “fast thinking”, que estabelece um elo negativo entre o pensamento e a velocidade.

A violência simbólica⁷, se dá no sentido de orientar o que devemos pensar e como devemos agir, e encontra no agendamento da notícia, o ímpeto de atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar todo mundo, sem ter consciência, e porque ocupa tempo. Bourdieu (1997) evidencia que o mundo da imagem é dominado pelas palavras, no qual “a foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler” (26). O consumo “orientado” do corpo e de elementos comportamentais são veiculados e vendidos diariamente. Consome-se hoje, um estilo de vida, na qual a insatisfação com o corpo está evidente. Artefatos que visam manipulação corporal⁸, tal qual cosméticos, cirurgias plásticas, dietas alimentares, exercícios físicos, roupas e estampas adequadas para disfarçar estigmas⁹, fazem parte da rotina de cuidados e de enquadramento corporal de homens e especialmente de mulheres modernas, pois a legitimação da exposição do corpo, perpassa ao controle das pulsões, mas também “o (auto)controle da aparência física” (GOLDENBERG, 2002. p. 25), e encontra nos meios de comunicação, o reforço para tal preocupação.

“A” mulher e “O” futebol

Tendo em vista as práticas corporais esportivas que evidenciam e mantêm atributos/signos considerados femininos e os esportes (nesse momento, o futebol em especial) que enaltecem características de contato, combate, disputa, tidas como honrarias másculas, alguns signos relacionados ao que é feminino e masculino, acabam se mesclando, como no caso do futebol feminino no Brasil. No qual, características desse esporte se chocam com características histórico-culturais esperadas do

⁷ É uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. (BOUDRIEU, 1997. p. 22).

⁸ Para mais esclarecimentos a respeito de manipulações corporais ver: Le Breton (2003)

⁹ Para Goffman (1988), estigmas são sinais corporais com os quais se procura evidenciar alguma coisa de extraordinário ou de mau sobre o *status* moral de quem os apresenta.

comportamento feminino. Contrário ao que abordamos anteriormente, em relação à mulher e o seu corpo, a prática esportiva de modo intenso determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo, deixando de existir apenas para o outro, numa (re)apropriação do próprio corpo, existindo então, para si mesma. Bourdieu (2007), é conciso ao apontar a “faca de dois gumes” que as mulheres esportistas enfrentam no campo esportivo: “se atuam como homens elas se expõem a perder os atributos obrigatórios da “feminilidade” e põem em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação” (p.84).

Essa contraditória combinação de fechamento e abertura, de contenção e sedução, é tanto mais difícil de realizar quanto mais estiver submetida à apreciação dos homens que podem cometer erros de interpretação, inconscientes ou interessados (BOURDIEU, 2007. p, 84).

O reforço da necessidade de signos de feminilidade nesse contexto gerou o que Dunning e Maguire (1988) apontam como alvo de protestos feministas, contra a idéia de que a área esportiva de contato era legítima e exclusiva dos homens. Juntamente a enfática sinalização de que a mulher, acima de tudo, necessitava ser feminina, e demonstrar por meio de seus gestos, palavras, vestimentas, cuidado com o corpo tais características, consumaram-se “pré-conceitos” decorrentes da não apresentação das atletas em campo munidas de tais caracteres, e em decorrência do jogo de futebol (e demais esportes de contato como as lutas) ser característico pelo contato entre os participantes, o suor excessivo, os gestos não delicados, os uniformes largos que não valorizam o corpo feminino, a ausência de adereços, em alguns casos o cabelo curto, faz com que as mulheres jogadoras de futebol, especialmente nesse espaço, adquiram características masculinas, típicas desse *locus*.

Grande parte dos estudos ao tratar do futebol feminino apresenta se não, uma categoria de análise, menções sobre preconceitos sofridos pelas atletas. De um lado a feminilidade das atletas é posta em dúvida por outros desportistas, em consequência principalmente de sua participação em esportes de contato físico, por outro, é até posta em dúvida por outras mulheres e esta é uma reação típica dos grupos excluídos na medida em que interiorizaram "o carisma coletivo" daqueles que estão melhor estabelecidos: os homens, no caso presente (ELIAS e SCOTSON, 2000). Bourdieu (2007) complementa, que o pensamento das mulheres (de forma preconceituosa com seus pares) é produto de incorporação das relações de poder expressadas nas oposições fundantes da ordem simbólica.

Prosseguindo com os atributos de feminilidade arraigados a figura da mulher, que ligeiramente evidenciam algumas “funções” naturais desse sexo, independente do *locus* social onde se insere, Dunning e Maguire (1988) salientam que – dentro de uma estrutura social na qual as mulheres mesmo atuando fora de casa, sejam como atletas ou como profissionais de outras áreas, desempenham a maior parte das tarefas domésticas – “as esportistas tinham muitas vezes de enfrentar obstáculos que os homens não vêm usualmente pela frente” (p. 343). Obstáculos profissionais demonstram que a mulher precisa em determinados momentos ser mais qualificada que os homens para poder compartilhar de alguns cargos, bem como exerce rotinas duplas, triplas de trabalho dentro e fora de casa. Fatos que denotam que os degraus da ascensão econômica ou esportiva por parte das mulheres, são mais arenosos (no sentido de oscilação e incerteza) do que os dos homens.

Goffman (1988) acredita que a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias; atributos e estereótipos que acabam gerando estigmas, aos que nelas não se enquadram. É o caso das mulheres que não apresentam explícitos atributos de feminilidade, ou que são atletas/praticantes de modalidades esportivas historicamente destinadas ao público masculino, que como em uma engrenagem, nos remete ao pensamento inicial de Bourdieu (2007) quanto ao dúbio posicionamento das mulheres nessa estrutura.

Considerações

O choque de signos decorrente de processos históricos de legitimação de corpos e condutas gerado quando as mulheres se adentram em estruturas já estabelecidas de poder masculino, é inevitável. Tais contradições entre legitimação do corpo feminino frente às necessidades físicas e comportamentais que o jogo de futebol exige geram esses “choques”. Os quais acreditamos, possam vir a intimidar e/ou limitar a participação das mulheres no esporte considerado mais popular do Brasil. Resquícios de suposta escassez de incentivo da prática de futebol feminino de base, retratam a reduzida cota de atletas profissionais e de difusão e transmissão dos jogos. É imprescindível relatar aqui, que mesmo frente a intempéries de cunho histórico-cultural, a melhor jogadora de futebol do mundo, nos últimos anos é brasileira, e que eventos esportivos vem sendo realizados, talvez não com o mesmo afinco e investimento econômico que os masculinos, mas com a determinação de mulheres que tem no futebol, um estilo de vida.

Tomando por base o esporte como o reflexo de condutas sociais desenvolvidas em outros espaços com características de organização semelhantes, visualizamos a mulher carregada de significados, que se adentra nesses locais e necessita incorporar elementos desse *habitus* para se fazer valer, e em contra partida, se os incorpora de forma parcial ou integral, é alvo de preconceitos, dessa maneira, nos meios de comunicação a veiculação da imagem da jogadora de futebol é valorizada pelo seu talento esportivo, somente frente a grandes feitos de conotação internacional, enquanto no restante do tempo, ao se veicular informações e imagens de esportistas se dão no sentido de evidenciar resquícios que demonstrem publicamente, que mesmo munidas de atributos que o esporte o qual praticam necessita, essas mulheres também são femininas, e preocupam-se com a beleza, no sentido de reforço e manutenção de caracteres previamente apontados e delegados androgenamente para cada sexo. *Grosso modo*, as mulheres são evidenciadas na mídia pela sua beleza em detrimento ao talento, enquanto aos homens atletas, o talento profissional é suficiente, fatores que possam vir a corroborar com o fato de o futebol feminino ainda não ter “emplacado” nos gramados brasileiros.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.
- DUNNING, E; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Revista de estudos feministas**. vol. 5 n. 2 (1997) pág. 321 – 348.
- Elias, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.
- FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós modernismo**. São Paulo, Studio Nobel, 1995.
- GOELLNER, V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988.
- KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil**. In: COZAC, J.R. (Ed.). *Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In. **Gender and the Politics of History**. New York, Columbia University Press, 1989 (tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html. Acesso em 20 de junho de 2010.
- VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

Leila Salvini
Rua Mariano Torres, 435 – Centro
Curitiba – PR
80060-120

leila.salvini@hotmail.com

Material para apresentação: Computador, aparelho para projeção dos slides (data show) e se necessário (decorrente do tamanho do local de apresentação) um microfone.